

Ventos favoráveis para a economia mundial?



Ricardo Cabral

Estatísticas e políticas justificam optimismo sobre as perspectivas económicas, mesmo em relação Portugal

Não obstante a incerteza que resulta dos efeitos da pandemia covid-19, no presente diversas políticas públicas e estatísticas económicas são muito animadoras.

Várias indústrias com actividade económica pujante

As indústrias automóvel, de semicondutores, farmacéutica bem como o sector tecnológico parecem pujantes. É certo que a base de comparação é o 1.º trimestre de 2020, período em que se registaram quedas substanciais das vendas sobretudo no mercado chinês.

No entanto, no sector automóvel, por exemplo, as taxas de crescimento das vendas globais de empresas como o grupo BMW (+33,5% no 1.º trimestre de 2021), Mercedes-Benz (Daimler) (+23,9% no 1.º trimestre de 2021, com um crescimento homólogo das vendas de 60,1% na China), e do grupo Volkswagen (+9,6% no 1.º trimestre) dão sinais de uma recuperação económica rápida.

As vendas globais de semicondutores aumentaram 14,7%, em termos homólogos, nos três meses terminados em Fevereiro de 2021, com várias empresas desse sector a registarem taxas de crescimento elevadas e falta de capacidade produtiva, resultando em escassez de semicondutores e aumentos dos preços.

Nos EUA, as vendas de carros aumentaram 61,9% em Março em termos homólogos, registando um crescimento homólogo de 11,4% nos primeiros três meses de 2021. O emprego terá aumentado em 916.000 em Março, com a taxa de desemprego a cair para 6%, ainda muito acima do registado antes do início da pandemia (a taxa de desemprego nos EUA era de 3,5% em Fevereiro de 2020 e perderam-se cerca de 8 milhões de empregos desde então).

Graças aos enormes pacotes de estímulo orçamental espera-se que o PIB dos EUA somente recue 3,5% em 2020, e que registre um crescimento de 5,5% em 2021.

Perspectivas económicas globais melhoram

O FMI, na actualização das suas perspectivas

económicas globais (*World Economic Outlook*) de 23 de Março de 2021, reviu em alta a taxa de variação do PIB global tanto em 2020 (uma contração esperada de -3,3% ao invés de -4,4%) como em 2021 (crescimento de +6% em vez de +5,2%) e 2022 (+4,4% ao invés de +4,2%).

O FMI atribui o melhor desempenho agora previsto aos estímulos orçamentais suplementares em algumas grandes economias (leia-se sobretudo nos EUA) e à resposta de política orçamental e monetária sem precedentes.

Contudo, nesse relatório, o FMI nota os impactos divergentes do choque económico causado pela pandemia, com as contrações económicas a serem particularmente elevadas em países cujas economias se baseiam em turismo e exportações de matérias-primas e com pouca margem orçamental para responder à crise, salientando o impacto do encerramento do ensino escolar em crianças, particularmente do sexo feminino, de famílias de baixo rendimento, que poderá amplificar a desigualdade de rendimentos no futuro.

Economia portuguesa em confinamento a beneficiar do melhor andamento da economia internacional

Em Portugal, as estatísticas mais recentes disponíveis não são favoráveis, parecendo confirmar o cenário divergente do FMI, já influenciadas fortemente pelas medidas de confinamento adoptadas a partir de 22 de Janeiro.

Nos primeiros dois meses do ano, as receitas efectivas das administrações

públicas, em contabilidade pública, caem quase 12%, com as receitas de ISP, IVA, ISP e IABA (Imposto sobre Alcool e Bebidas Alcoólicas) a caírem quase 30% em termos homólogos. A queda das receitas do IVA ocorre também em resultado de medidas fiscais e aduaneiras que prorrogam o pagamento desse imposto em três ou seis meses.

A despesa pública, nos primeiros dois meses do ano, cresce em termos homólogos a uma taxa de +5,8%, sinal de que a política orçamental continua a apoiar a actividade económica e o rendimento das famílias.

Mas essa evolução tanto dos impostos directos como da despesa pública era previsível e as administrações públicas continuam a registar um ligeiro saldo primário (*i.e.*, antes da despesa com juros) nos primeiros dois meses do ano.

Por outro lado, em Fevereiro de 2021, as

exportações de bens aumentaram 2,8% em termos homólogos, enquanto as importações de bens diminuíram 10,8%. O défice da balança de bens tem vindo a evoluir muito favoravelmente desde 2019, caindo 30% em 2020 e 48% nos primeiros dois meses de 2021, em termos homólogos.

É de esperar que, com o fim das medidas de confinamento, as importações e a procura interna aumentem a partir de Abril, resultando não só num aumento das receitas de impostos com impacto favorável nas contas públicas mas também numa deterioração na balança de bens.

Embora a economia portuguesa, especializada no sector do turismo, possa ser uma das mais penalizadas pelos efeitos da pandemia, não deixará de beneficiar do mais rápido crescimento económico global.

A Administração Biden com estratégia orçamental arrojada

Além do estímulo orçamental já aprovado (de 1,9 biliões de dólares, de que os cheques de 1400 dólares a adultos e crianças em agregados familiares com rendimento inferior a 150.000 dólares/ano por casal são a medida mais conhecida), a Administração Biden parece querer aproveitar o estado de graça com políticas orçamentais e económicas arrojadas.

Com efeito, a Administração Biden anunciou um pacote de despesa pública e investimento em infra-estrutura de 2,3 biliões de dólares (só uma fracção é verdadeiramente investimento em infra-estruturas) ao longo de dez anos.

Esse pacote não é tão ambicioso como aparenta à primeira vista, porque somente representaria cerca de 0,9% do PIB de 2021 por ano. Ou seja, não é através deste plano que os EUA recuperariam o seu atraso em infra-estruturas relativamente a outras economias, nomeadamente a economia chinesa.

Só que esse plano tem a novidade de ser acompanhado de um aumento dos impostos sobre empresas num montante total equivalente, através de um aumento das taxas de IRC e da redução das isenções.

Neste contexto, é importante uma iniciativa do Governo americano para procurar definir taxas mínimas de IRC a nível global, que visa assegurar que grandes empresas e multinacionais não reduzem a taxa efectiva de imposto transferindo os seus lucros para paraísos fiscais. A Administração Biden pretende que empresas, nomeadamente empresas multinacionais, paguem os impostos nos países em que realizam as vendas, iniciativa que já mereceu o apoio da Alemanha e da França. A concretizar-se, esse seria um desenvolvimento muito positivo.

Em suma, parecem existir razões para se estar optimista sobre as perspectivas económicas para os próximos meses e anos, mesmo em relação Portugal, que continua demasiado à margem destes desenvolvimentos.

Professor de Economia do ISEG. Escreve à segunda-feira

“

O FMI atribui o melhor desempenho previsto aos estímulos orçamentais suplementares (sobretudo nos EUA) e à resposta orçamental e monetária inédita

